



**PARA DISPARAR LEITURAS E ESCRITAS, PARA PENSAR NA PESQUISA E
NA DOCÊNCIA: EXPERIMENTANDO UM ESPAÇO
DA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

IN ORDER TO TRIGGER READINGS AND WRITINGS, TO THINK RESEARCH AND
TEACHING: TRYING OUT A SPACE IN THE GRADUATE STUDIES IN EDUCATION

PARA DISPARAR LECTURAS Y ESCRITAS, PARA PENSAR EN LA INVESTIGACIÓN Y EN
LA ENSEÑANZA: EXPERIMENTANDO UN ESPACIO DE POSTGRADO EN EDUCACIÓN

*Alice Copetti Dalmaso
Francieli Regina Garlet
Marilda Oliveira de Oliveira*

RESUMO

Estes escritos buscam relatar – e ensaiar-se enquanto relato - sobre uma experimentação produzida num espaço formativo de uma pós-graduação, curso de doutorado em educação. Foram usados como disparadores alguns contos do escritor moçambicano Mia Couto (2012) para que, a partir da leitura dos mesmos, escritas e pensamentos sobre docência e pesquisa pudessem ser produzidos. O encontro com alguns autores do pensamento da diferença, tais como Deleuze, Larrosa e Levy, e com as produções de colegas da disciplina, nos faz pensar o lugar da pesquisa, ao que possa ser problematizado como um pesquisar, menos em delimitá-lo em protocolos e mais como um espaço mesmo de experimentação e um modo de pensar nossos lugares de docência, de criarmos outras relações com a linguagem e com a vida. Ensaiar-se, ensaiar docências e pesquisas, como experiência de estabelecer outra relação consigo mesmo e com o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escrita. Pesquisa. Docência. Literatura.

ABSTRACT

These writings aim to present an account – and are intended as a report – about an experimentation produced in a postgraduate formative space, a doctorate in Education. Some short stories by Mozambican writer Mia Couto were used as triggers so that, through their readings, writings and thoughts on teaching could be produced. The encounter with some authors about difference's thought, such as Deleuze, Larrosa and Levy, and with the colleagues' production, makes us think the place of research, in relation to what can be discussed as researching, not so much by limiting it to protocols but as a space of experimentation and a way of thinking our places of teaching, of creating other relations with language and life. To essay ourselves, to essay teaching and research as experience for establishing another relation with the self and the world.

KEYWORDS: Reading. Writing. Research. Teaching. Literature.

RESUMEN

Esta escritura busca relatar – y ensayarse como relato - sobre una experimentación producida en un espacio formativo de un posgrado, curso de doctorado en educación. Fueron utilizados como disparadores algunos de los cuentos del escritor mozambiqueño Mia Couto para que, a partir de la lectura de los mismos, escritos y pensamientos sobre la enseñanza y la investigación pudiesen ser producidos. El encuentro con algunos de los autores de lo pensamiento de la diferencia, y las producciones de los colegas de clase, nos pone a pensar el lugar de la investigación, y lo que puede ser problematizado como una forma de investigar, sin restringirla en protocolos y sí como un espacio de experimentación y un modo de pensar nuestros lugares de enseñanza, para crearnos otras relaciones con el lenguaje y la vida. Ensayarse, ensayar enseñanzas y investigaciones, como experiencia de establecer otra relación consigo mismo y con el mundo.

PALABRAS CLAVE: Lectura. Escrita. Investigación. Enseñanza. Literatura.

1 UM RELATO QUE SE ENSAIA

Coube-nos a tarefa de escrever um artigo final para uma disciplina de Seminário de Tese II, de um curso de doutorado em educação. Detivemo-nos, então, em abrir arquivos já escritos, ou outro artigo enviado a uma revista, livros diversos, procurando sem saber o que desejávamos encontrar. Perambulamos por autores que têm nos feito caminhar com outros olhares, que nos fazem pensar a pesquisa e esse lugar de pesquisar, que nos é dado em partes, mas que também ajudamos a construir.

Um pouco disso: o artigo versa em pensar o lugar da pesquisa, ou o que possa ser experienciado como um pesquisar, menos no sentido de delimitá-lo em protocolos e mais como um espaço de experimentação. Queremos contar, então, com esse artigo, sobre uma experimentação que lançamos aos colegas da disciplina em questão: escrever junto à leitura de Mia Couto. Na disciplina, fomos incumbidos de, durante apresentações de seminários, abordarmos um texto que tivesse, como temática principal, a docência e/ou pesquisa. Escolhemos, assim, levar uma materialidade literária, contos de Mia Couto, e não um texto que falasse diretamente de docência, ou de pesquisa em si. Pensamos na literatura como possibilidade de produzir vizinhanças com a docência e/ou a pesquisa, produzindo ‘entres’ nos quais poderíamos inventar formas outras de dizer da docência e /ou da pesquisa.

Arremesso de flechas-disparos: o que pode a docência e a pesquisa ao entrar em vizinhança com a literatura? O que pode ser inventado no vazio que se aloja entre a literatura, a docência e a pesquisa? Levy (2011), a partir de Blanchot, menciona uma diferenciação entre o que chama de “palavra literária” e de “palavra usual”. Na palavra usual enquanto linguagem cotidiana “a linguagem não passa de um instrumento, encontra-se subordinada a fins práticos da ação, da comunicação, e da compreensão” (LEVY, 2011, p. 19). Já a palavra literária, enquanto linguagem de ficção, “tende a criar um objeto e não a representá-lo” (LEVY, 2011, p. 21). A ficção não é, portanto, algo irreal, pois, ao ser experimentada pelo leitor, ela é vivida realmente. Nas duas situações há o vazio, o distanciamento no qual a coisa da qual falamos se encontra ausente.

Creemos, porém, que são duas maneiras distintas de experimentar ou não este vazio. No primeiro caso (palavra usual) preenchemos este vazio com a finalidade, com a compreensão, com a comunicação, com a repetição de sentidos aos quais estamos acostumados. E no segundo caso cavamos o vazio de modo a experienciá-lo, a vivê-lo numa situação de estranhamento, que vai nos abrindo outras possibilidades, como afirma Levy: “o realismo da ficção joga o leitor num mundo de estranhamento, onde não é mais possível se reconhecer” (2011, p. 25). Cavamos um vazio que nos incomoda, onde não ficamos inertes, mas sim nos sentimos provocados a produzir outras possibilidades.

A partir destas diferenciações entre palavra usual e palavra literária, podemos pensar: O que pode a palavra literária num terreno que costuma ser habitado pela palavra usual? O

que pode se instalar como estranhamento, e fazer fugir a palavra usual da sua ordem comunicativa? O que pode a docência e a pesquisa no encontro com a palavra literária?

As perguntas nos levaram a querer partilhar sobre essa experimentação e compartilhamento de escritos, a partir das leituras do escritor Mia Couto. Hesitamos, ainda, por acreditar que escrever um artigo científico requer, necessariamente, ter de iniciá-lo com uma introdução teórica que apresente a fundamentação de nossa pesquisa, do que circunscreve nosso problema e que dê conta de situar o leitor com seus respectivos objetivos e traçados metodológicos.

Entretanto, esse artigo quer uma outra coisa, deseja ensaiar-se a partir e com um acontecimento-aula, que repercute no pensar (LARROSA, 2014). O escrever e ler do ensaio se dá na medida em que se lê e se escreve, na medida que o que se lê e escreve produz problemas e faz pensar, na medida que problematizamos o que lemos, como lemos, o que escrevemos e como escrevemos (LARROSA, 2004a). Chamá-lo-emos aqui, como um híbrido, de relato-ensaio, no enquanto desse relatar que não apenas relata, mas ensaia, ensaia-se, pensa-se enquanto relato e ensaio.

Construir e mostrar ao leitor (e a nós mesmas) o que fizemos numa disciplina de Seminário de Tese II nos coloca na posição mais de aprender com estes escritos coletivos do que afirmar seus fins, os usos, a comprovação de algo, ou a funcionalidade de uma disciplina, de um espaço, de uma pesquisa. Não é isso que se quer.

O que se quer enquanto se escreve, enquanto se traçam teóricos, enquanto se traçam necessidades de buscar autores que nos ajudem a conversar e se relacionar com o que se lê, com a novidade da escrita e do estranhamento do grupo, é aprender no acontecimento-relato-ensaio, na experimentação com a própria escrita. Entre tudo isso: abrem-se possibilidades, espaços, respiros, faíscas, vazios.

Ocupamos estes espaços da Universidade, e produzimos com eles linguagens, palavras e ideias, discursos, de todo o tipo. Mas ideias e palavras, assim como o pensamento, se fazem e se produzem sem serem totalmente controlados. Apostar, assim, em coisas que sejam ditas no que ainda não foi dito, pensado no que ainda não foi pensado, ouvido, sentido nos intervalos, nas brechas entre o que já foi dito e pensado:

[...] linguagem e pensamento, são lugares em que se exercem potentíssimas estratégias de dominação e controle, de reprodução do mesmo, mas também são lugares de acontecimento, de diferença, de descontinuidade, de novidade, de criação. Portanto, sempre pode ocorrer que se diga o que não está dito ou que se pense o que não está pensado. (LARROSA, 2004b, p. 308)

Nossas pesquisas procuram se constituir na coexistência com outras linguagens e no que pode passar entre elas (DELEUZE, 1997): entre o que se diz e se vê, do que se ouve e se diz, do que se lê e se escreve. O ‘entre’ como possibilidade do pensar, no que persiste em abertura, em liberdade de outras coisas, infinitas coisas. Servir-se de espaços que ocupamos

(de docência, de aulas do curso de doutorado, de pesquisa), do acontecimento-viver, da leitura, como um meio de encontro – no entre – que dispare pensamento e escrita.

Experienciar o vazio que se aloja neste ‘entre’. Produzir espaços nos quais outros visíveis possam brotar em meio às palavras, e outras palavras possam brotar em meio aquilo que vemos. Viver este espaço onde “a intencionalidade cede lugar a todo um teatro, uma série de jogos entre o visível e o enunciável” onde “um racha o outro” (DELEUZE, 2013, p. 138). Relação: nem no escrito (ou no lido), nem em quem escreve, mas no ‘entre’. Criar condições para que a leitura de alguns contos literários se desse na disciplina nos instigou a desejar que, quem sabe, a literatura pudesse (e possa) ser também possibilidade de pensar a pesquisa e a docência.

2 POR QUE MIA COUTO?

Mia Couto diz que só somos “donos” de um livro quando ele “deixa de ser objeto e deixa de ser mercadoria. O livro só cumpre o seu destino quando transitamos de leitores para produtores do texto, quando tomamos posse dele como seus co-autores” (COUTO, 2011, p. 102). Podemos afirmar que escrevemos junto ao autor? Nos fazemos personagens, criadores de histórias e sentidos? Talvez. Talvez quando, como produtores do texto, aprendemos a ler o mundo e escrever com o mundo. Produzir nessa co-autoria trata de embaralhar a posição de uma leitura usual, que não é a de uma compreensão propriamente, mas de uma experimentação de seus vazios, que dispara-nos a produzir coisas com o que é lido, que nos dispara a agir como co-autores. Da espreita ao tremor das coisas, daquilo que não conseguimos propriamente ler, mas que nos lança a pensar e a produzir sentidos com o texto. Trata-se de ler também o que não é visto, nem dito, mas que paira enquanto névoa, enquanto força informe, entre uma linguagem e outra: multiplicidades propagadas nas produções de sentidos pelas superfícies dos textos.

Nossa escolha por Mia Couto se deu na particular sensação de nosso encontro com seus escritos. A escrita de Mia é produzida por forças dos ambientes em que descreve uma Moçambique pós-guerra civil. Forças que arrastam para lugares de sentir inabitados, desconhecidos, não tocados, despídos de beleza, ainda que ela esteja ali. Dispara um desejo de nos fazer mais mundo, chão, bicho, horas, vivacidade, furor, terra, líquido. Ativa algo que nos coloca na vontade de estabelecer zonas indomesticáveis, criar casa onde não se tem família, com seres que não são, que são tudo, que estão entre um e outro: habitar um ser-serio, peixe, vento, mulher, leão, silêncio, criança e o que quiser, para fazer fugir da condição de se estar soterrado por nossa própria ‘forma’.

Para o escritor,

[...] o maior desafio é sermos capazes de não ficar aprisionados nesse recinto que uns chamam de ‘razão’, outros de ‘bom-senso’. A realidade é uma construção social e é, frequentemente, demasiado real para ser verdadeira. Nós não temos sempre que a levar tão a sério. (COUTO, 2011, p. 99)

Inventar realidades e dizer a ela que não está dada, que não há verdade a ser revelada, desnudada, percebida. Tratar de nos tornarmos donos das palavras, produtores do que chamamos realidade. E não levar-se tão a sério é poder burlar e rachar palavras que contemplem categorias existenciais, tomadas como universais. É poder pensar em fazer algo com nossas vidas, quiçá também com nossas pesquisas, lugares de docências e discências. Criar, mais do que sermos criados. Criar novas relações com a linguagem e com a vida, “ultrapassar o poder” (DELEUZE, 2013, p. 127).

Para Mia Couto, “de pouco vale escrever ou ler se não nos deixarmos dissolver por outras identidades e não reacordarmos em outros corpos, outras vozes” (COUTO, 2011, p. 101). Podemos transitar por outros mundos, em simpatia com outros seres. O que sentimos é que o espaço acadêmico, entre outros espaços e tempos de vida, participa e compartilha de certa apatia diante do mundo, que já esqueceu (ou sequer aprendeu) a lentidão e a delicadeza do gesto da leitura, delicadeza que força a nos levar “além de nós mesmos, além do que o texto diz, do que o texto pensa ou do que o texto sabe” (LARROSA, 2003, p. 109).

Foram seis os contos de Mia Couto (2012) que oferecemos como disparadores para essa experimentação de pensamento e escrita: ‘O cego estrelinho’, ‘O cachimbo de Felizbento’, ‘O poente da bandeira’, ‘Noventa e três’, ‘No rio, além da curva’, ‘A guerra dos palhaços’. A ideia, portanto, foi que pudéssemos, todos nós, a partir da leitura e com ela, selecionar um dos contos, ou fragmento(s) de alguns deles, para produzir uma escrita sobre docência e pesquisa.

Na intenção de mostrar a atmosfera-acontecimental de leitura, pensamento e escrita produzidas junto ao Mia Couto, trazemos de maneira conjugada, e ao modo como fomos afetadas por eles, os relatos breves da aula, o recorte de um conto de Mia Couto (o mais citado no grupo) e os escritos produzidos por alguns colegas, que nos foram permitidos de serem abordados e friccionados nesse relato-ensaio. Optamos em organizar as escritas e falas produzidas pelo grupo, neste arquivo, com recuo e alinhamento do texto à direita, enquanto as ‘aspas simples’ sinalizam fragmentos menores (destas escritas e falas), que aparecerão em meio a nossa escrita.

3 DOS DISPAROS

O que a leitura dos contos de Mia Couto nos dispara a pensar com relação à docência e a pesquisa?

Desnudar-se, os textos ‘nos desnudam’. Despertar o sensível. ‘Tem cheiro, tem gosto’. De desejar escrever, de querer escrever depois que se lê. ‘Ele critica a sociedade, ele é político’.

Levantar as mãos e ler: ‘posso ler o que escrevi?’ O que se escreveu porque se leu algo que despertou o desejo de escrever. Grupos que se demoravam em não serem breves, queriam contar uns aos outros sobre os contos, todos, porque não haviam escrito nada antes

de ir para a aula... mas o desejo era de falar do que a leitura os havia feito pensar. Ler é sempre traduzir, e inventar outra coisa com o que se leu, “reinventando significações”, criando “novas linhas de saberes, fazeres, sentires” (CORAZZA, 2013, p. 207).

Como a literatura pode nos ajudar a pensar nossas pesquisas? Esta pergunta me era muito estranha até pouco tempo. À minha antiga maneira de pensar um poema, um conto serviam para puro deleite, o entretenimento e apenas outras leituras de textos teóricos eram usadas para embasar o pensamento e a escrita acadêmica. Vejam só, que escuridão!! Nesta época certamente via muito menos que o Cego Estrelinho. Hoje, vejo com muita nitidez que a literatura (assim como outras formas de expressão artística) nos convida a dialogar com a vida, com a experiência, nos ajuda a poetizar nossos pensamentos e escrituras (Escritos de Sara).

O cego, curioso, queria saber de tudo. Ele não fazia cerimônia no viver. O sempre lhe era pouco e o tudo insuficiente. Dizia, deste modo:
- Tenho que viver já, senão esqueço-me.
Gigitinho, porém, o que descrevia era o que não havia. O mundo que ele minuciava eram fantasias e rendilhados. A imaginação do guia era mais profícua que papadeira.
O cego enchia a boca de águas:
- Que maravilhação esse mundo. Me conte tudo, Gigito!
A mão do guia era, afinal, o manuscrito da mentira. Gigitinho estava como nunca esteve S. Tomé: via para não crer. O condutor falava pela ponta dos dedos. Desfolhava o universo, aberto em folhas. A ideia dele era tal que mesmo o cego, por vezes, acreditava ver. (COUTO, 2012, p. 21-22)

Sou docente, às vezes sou cego, outras vezes invisível. Minha cegueira me impede de ver o mundo através dos meus olhos... E acabo, sozinho, vendo o mundo pelos olhos do outro. Sou docente, às vezes sou cego, outras vezes invisível. Pois nem o meu silêncio é percebido, tocado ou sentido... Muitas vezes vejo o mundo pelos olhos do outro. E tudo aquilo que eu gostaria de viver, fica esquecido.... Nas profundezas da minha escuridão ou no calar do meu silêncio. Mas por que precisa ser assim? Por que preciso fazer uma “cerimônia no viver” ao longo do processo de ser docente? Não quero responder... Quero apenas sentir, viver, chorar, ouvir... Quero que o meu sempre seja pouco e o meu tudo insuficiente (Escritos de Clara).

Foi no mês de dezembro que levaram Gigitinho. Lhe tiraram do mundo para pôr na guerra: obrigavam os serviços militares. O cego reclamou: que o moço inatingia a idade. E que o serviço que ele a si prestava era vital e vitalício.
O guia chamou Estrelinho à parte e lhe tranquilizou:-
Não vai ficar sozinho por aí. Minha mana já mandei para ficar no meu lugar. O cego estendeu o braço a querer tocar uma despedida. Mas o outro já não estava lá. Ou estava e se desviara, propositado? E sem água ida nem vinda, Estrelinho escutou o amigo se afastar, engolido, esponjoso, invisível.
Pela primeira vez, Estrelinho se sentiu invalidado.

- Agora, só agora, sou cego que não vê. (COUTO, 2012, p. 23)

Quem ensina tem o dom de colorir o mundo, fazendo de suas palavras, de seus gestos, enfim, de todo o seu corpo um instrumento para encantar e despertar o desejo de aprender. Gigito, como um artista, despertava o desejo de viver em Estrelinho no momento em que poetizava e inventava o mundo. Ele artistava a realidade, pois seus olhos de poeta faziam a alma de Estrelinho também poetar.

Quando Gigito foi para guerra, Estrelinho perdeu seus olhos, sentindo-se realmente cego. Mesmo sua nova guia Infelizmina, colaborou inicialmente para sua ‘cegueira’, pois suas palavras não possuíam o dom de poetizar a realidade. Foi a descoberta da paixão, juntamente com a notícia da morte de Gigito, que fez Estrelinho perceber que não necessitamos de olhos para ver, pois se soubermos ‘enxergar’ a vida, jamais seremos cegos. Considero que ensinar e pesquisar são maneiras de desenvolver novos olhares, novas escutas, novos sentidos sobre o já-sabido. É perceber que podemos, por meio das nossas curiosidades e das nossas indagações, estabelecer novos significados, despertando poetas e artistas que poderão tecer novos olhares sobre o mundo (Escritos de Antônia).

No tempo que seguiu, o cego falou alto, sozinho como se inventasse a presença de seu amigo: escuta, meu irmão, escuta esse silêncio. O erro da pessoa é pensar que os silêncios são todos iguais. Enquanto não: há distintas qualidades de silêncio. É assim o escuro, este nada apagado que estes meus olhos tocam: cada um é um, desbotado à sua maneira. Entende, mano Gigito? (COUTO, 2012, p. 23)

Descrever o que não há. Escutar diferentes silêncios, tatear suas nuances. E quando não houver silêncio? Escavar o excesso de ruídos até produzir um pouco de silêncio. E então... Escrivê-los, até se esboçarem ruídos outros. Escavar o ruído e produzir silêncios para que enfim tenhamos algo a dizer... Escrever a docência (descrever o que não há) e com ela inventar resistência ao que gruda e diz que ela deve ser ou ao que acostumei a ouvir e dizer que ela é. Poupar cerimônia para que possa vingar o que há de singular em cada encontro que tenho em meio ao estar docente. Manter a calma para não espantar os devires. Cuidar para não atropelar os silêncios, aprender a degustá-los. O pensamento precisa deste vazio que o silêncio proporciona, para jogar e fazer voar os papéis que estão organizados em nossas mesas, para sugerir outras composições e desiluminar os mundos a que estamos acostumados, para que outros sejam possíveis aqui e a cada vez.

Seria preciso manter sempre algum silêncio, algum vazio? Uma abertura pela qual o vento possa entrar e bagunçar o que estamos habituados. Os vazios e silêncios coexistem com as saturações que produzimos e reproduzimos? Tem ele espaço? Precisamos escavá-los? Qual a importância do vazio e do silêncio em nossas pesquisas e em nossa docência? Pode a pesquisa produzir e oferecer vazios?

Tem vezes que precisamos do silêncio e do vazio, para não sufocarmos com o turbilhão de coisas que passam por nós, espaços de respiro, de espera, para tomar fôlego, para ter direito (e dar direito ao outro) de ficar em silêncio, de não dizer nada quando não temos nada a dizer. Tem vezes que os vazios e silêncios nos chegam de maneira imprevista. Não os escolhemos ou os procuramos e eles estão lá, em estado de insuportáveis. Seja lá a maneira com que eles são produzidos ou nos chegam, creio que sejam indispensáveis para que possamos inventar outros movimentos. Seja varrendo o que foi produzido e reproduzido outrora, abrindo respiros, e vazios nos quais possamos saltar. Seja nos assustando com a imprevisibilidade da sua chegada, que nos tira o chão e nos obriga a produzir outro diferente ao que estávamos acostumados a pisar (Escritos de Vanessa).

Os contos de Mia Couto em “Estórias Abensonhadas” me fizeram pensar em duas palavras: apego e silêncio. O que seria o ‘apego’ na pesquisa e na docência? Creio que seja nossa incapacidade para experimentar o desconhecido, nosso receio para trilhar caminhos novos, ainda não percorridos. Nosso apego a determinados autores, livros, objetos, maneiras de dar aulas, sempre do mesmo jeito, repetindo, repetindo... O apego nos adoece e nos paralisa, impede que caminhemos por outras vias, que dobremos esquinas, que nos percamos no mapa da pesquisa.

O apego nos cega para encontrar ‘o caminho certo’, ‘a metodologia’, para uma certeza, para uma tranquilidade enfadonha. O apego talvez dialogaria com este fragmento de Larrosa em *Pedagogia Profana*:

O maior perigo para a Pedagogia de hoje está na arrogância dos que sabem, na soberba dos proprietários de certezas, na boa consciência dos moralistas de toda espécie, na tranquilidade dos que já sabem o que dizer aí ou o que se deve fazer e na segurança dos especialistas em respostas e soluções. Penso, também, que agora o urgente é recolocar as perguntas, reencontrar as dúvidas e mobilizar as inquietudes. (LARROSA, 2010, p. 8)

Quando já temos todas as respostas não há motivação para seguir buscando ou ainda como diria Larrosa “quando uma forma converte-se em fórmula, em bordão, em rotina, então o mundo se torna fechado e falsificado” (2010, p. 49).

E o silêncio?

Pois então, não sabemos conviver com ele.

O silêncio são esses vazios tão necessários nas nossas aulas, na nossa fala e também na nossa escrita. Falamos demais, não sabemos ouvir.

Quando escrevemos preenchemos todos os espaços, deixamos tudo muito claro, nenhuma dúvida, nenhum espaço onde o leitor possa colocar-se como interlocutor.

Não sabemos exercitar o silêncio. Não sabemos ouvir. Sempre temos algo a dizer, infelizmente. Apego e silêncio são duas vertentes importantes para pensarmos nossas pesquisas e nossas docências.

Seria interessante exercitar o desapego daquilo que já grudou na nossa pele e já se tornou adereço, ao mesmo tempo permitir que o silêncio faça morada na nossa escrita e pause na nossa fala. (Escritos de Silvana)

4 CEGUEIRAS, SILÊNCIOS, APEGOS: ESPAÇOS, VAZIOS

Nós recebemos apenas oito escritos, de uma turma de 20 colegas. Destes oito, apenas 5 deles autorizaram a utilização de seus escritos. Quando realizamos esta atividade em aula, os grupos foram divididos para conversarem sobre o que os textos haviam lhes disparado. Estas conversas acabaram por ressonar em muitas nuances, percebidas nos textos recebidos posteriormente à atividade. A repercussão do conto O cego Estrelinho foi notória e igualmente foi o mais friccionado, dialogado e trazido nas escritas pós-atividade presencial.

E o que fazemos com isso agora, pensamos? Talvez operar, como coloca Corazza, numa Didática da Tradução: produção da diferença no mesmo, “introduzindo novos modelos, ideais, gostos, vocabulários, sintaxes, estilos” (2013, p. 208), fazendo conversar com outros autores e também com Mia Couto. Além disso, podemos também usar dos escritos dos próprios colegas para pensar agora a docência e a pesquisa. Trata-se de aprender, de novo. Investir no acontecimento: nos escritos recebidos, tensões produzidas com a literatura, relacionando-se com as coisas de forma ativa, encontrando algo de comum e necessário nessa relação (FUGANTI, 2007). Ensaiar-se, ensaiar docências e pesquisas, na experiência de

estabelecer essas relações na escrita e pensamento. Experimentamos a leitura e escrita de Silvana, Vanessa, Antônia, Clara e Sara.

Passagens por uma escuridão de não ver: não enxergar é não abrir-se ao que nos é rotineiro, dado, posto. É deixar as coisas que nos chegam em seus respectivos embrulhos, intocadas, ou tocadas apenas em sua normalidade, não as experienciando, não sendo afetados por elas. E o que permanece embrulhado, coberto, não é entendido aqui como oculto, intacto, a ser revelado, mas sim como algo que, ao ser experienciado, pode ser inventado, produzido nesse processo.

Docência que pede para querer ver, querer produzir sua própria visão e que vive entre espaços de cegueira e de invisibilidade. Querer ser mais, deixando-se abrir ao viver. Docência também como veículo, como entidade propulsora de desejos de viver no outro. Burlar linguagens e pensamentos dados como realidade e inventar outras coisas junto de quem pega em suas mãos. Estabelecer com os outros novas conexões, um dar a ver, ouvir, sentir.

Pensar uma docência e uma pesquisa no enquanto, no que ainda não se deixa dizer e fazer. Dessaturar-se, desapegar-se, conter verborragias e vozes. Fracassar, despir-se, e ainda assim não deixar de permanecer atento para que outros erros possam se fazer, outras roupas ocuparem nosso corpo. Estar atento a brechas, lugares do salto - liberdade que reside “no espaço do não-fundado” (LARROSA, 2004b, p. 225) -, aberturas, vazios, onde um possível, ainda que insupportável, seja visto, ouvido, cheirado, degustado, tocado, sentido.

Experimentar os ditos e vistos que nos chegam a partir de seus abismos; posicionar-nos em suas bordas, encher os pulmões de coragem e saltar em queda livre em seus vazios, respirar as névoas que pairam ali “entre uma linguagem e outra” (CORAZZA, 2007). Saltar nos abismos que se colocam em meio a nossas experiências educativas, nos abismos que se produzem na relação (ou não-relação) ‘entre’ nós e o outro que encontramos a cada vez; e quem sabe aprender a voar, não para ir o mais alto possível, mas para nos deslocar onde nos falta o chão, para que possamos experimentar um tempo que escapa ao cronológico e que nos permita experimentar as névoas de diferentes densidades, cheiros e cores que pairam ali. Onde podemos experimentar diferentes composições, aprender com estranhamento, e voltar ‘outros’ a cada vez. Pisar, repetidamente, à maneira de que sempre podemos pisar de outro jeito, aqui e ali, saltando, vibrando, perdendo-se no caminho, dobrando outras esquinas.

E silenciar. Silêncio que não deseja falar, mas que ainda assim fala. Que sai do que esperamos, que não nos corresponde quando não nos devolve respostas; quando achegados e desconhecidos silenciam diante de nossa verborragia, de nossa ânsia de fala. Esse silêncio que nos força a pensar: ‘Por que não falam? Por que tanto silêncio?’ Como produzir silêncios em meio aos lugares de docência e de vida? Como calar a moral, um pensamento que diz o que deve ser? Quando a linguagem falta, quando se recusa a falar (e a ausência de fala revela a si mesmo). Exercitar silêncios e impessoais talvez seja demorar-se em lugares distantes de nosso esquema pronto de pensamento, aproximar-se de algo que nos é desconhecido, não representável. Campo sensível, grávido de sons, de invenções sobre nós mesmos.

Espaço informe no qual é necessário estarmos à espreita do que pode funcionar como um germe de ordem (DELEUZE, 2007), de outra ordem, diferente da que estamos acostumados... e do que podemos agarrar em meio ao vento que sopra neste caos, para produzir uma morada/abrigo provisório e singular onde possamos, enfim, inventar algo que vaze em palavras que queiram ser escritas ou ditas.

Estar-se cego e ser conduzido é perder um pouco o poder. Manter a liberdade como uma suspensão do poder, como o que “não depende da nossa vontade, de nossos projetos ou de nossas intenções, como o que só pode aparecer quando suspendemos nossa vontade” (LARROSA, 2004a, p. 224). Quando desvemos as coisas dadas que saturam o mundo e quando damos nossa mão àquilo que é outro, deixando-nos conduzir por afetos e sensações não conhecidas. Esvaziando o corpo do que é normalidade, do desejo de poder e enchendo-o até transbordar do que atua como potência.

Deixarmo-nos ser mais cegos e conduzidos pelo olhar de um Gígitto, que inventa mundos, que “descreve o que não há” (COUTO, 2012, p. 21), que produz outras visões para que o cego, que não vê, veja o mundo inventado, cheio de fantasia. Não uma fantasia que se oponha ao real mas antes formas de afirmar a potência de um real-ficcionalizado ou de uma ficção-realizada (ANDRADE; DIAS, 2011). Trata-se de pulsar esses lugares, sem comparações e hierarquias.

A ‘realidade’ da educação poderia ser transvista pelo Estrelinho, e pelos olhos de quem nunca viu? Talvez nos falem visões, invenções de mundos, sermos guiados por alguém ou algo que nos ensine a ver mundos no breu. Mas há pesquisadores, docentes, pessoas, que nos conduzem através de seus corpos ávidos de invenção e que produzem em nós, como Gígitto, “manuscritos de mentira” (COUTO, 2012, p. 21). Porque nos sobram verdades, sobra-nos ‘uma realidade’, sobra-nos o que é verossímil demais, real demais, verdade demais.

E, assim, tomar coragem para desbengalar-se: mesmo que não tenhamos perna, darmos o pontapé. Tomarmos liberdade de ver outros mundos em meio ao que vivemos, às dores da educação, aos infortúnios, ao sangue, à violência física e moral que sofremos, todos. Para que, quando fiquemos sozinhos, ainda cegos, ainda vendo a escuridão, possamos conduzir uns aos outros com nossos dedos, inventar outra educação, “indo além dos vários firmamentos” (COUTO, 2012, p. 25) já sentidos e conhecidos. Para que possamos abrir os poros da pele ao que nos potencializa a descrever, também, o que não há, a inventar outros mundos dentro do mundo da educação.

“Desvencilhar-se da tristeza” (COUTO, 2012, p. 26) que, como nuvem, sobrevoa a alma dos vivos, dos que veem e se bastam com o que a visão lhes oferece na vida, na pesquisa, na escrita. Como docentes, pesquisar mundos, indo por outros caminhos, nem melhores, nem piores, apenas outros e, assim, ir produzindo outras maneiras de existir, “outras paisagens”. “Falar pela ponta dos dedos” (COUTO, 2012, p. 22), desfolhar universos,

aberto em folhas: conduzirmos a nós mesmos por mundos ainda não vistos, sentidos, habitados... e estender a mão a quem quiser nos acompanhar.

Abrir campo para que disparos possam ser produzidos ou não, pensados ou não, quanto à pesquisa e docência. Apostar em potências que recriam obras, mantendo-as vivas, abertas (CORAZZA, 2013). Essa experimentação não deseja fundamentar a literatura como algo para ser objetivável, coisificável, ou tornar os escritos produzidos junto a ela alguma autoridade que diz o que se pode fazer com isso, para que fazê-lo, instrumentalizar essas materialidades em educação.

Interessa-nos, enquanto modo de constituir e proliferar espaços de escrita e pensamento, agir com os textos, construir e agenciar com o que se lê. Interessa não em atentar ao que o livro possa nos dizer, com algo que se possa compreender dele, mas em usá-lo à maneira de fazê-lo funcionar com algo, “em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.12). Transitar por regiões, palavras, imagens ainda por vir; ler textos como se ouvíssemos uma canção, compor com ele em sua vibração, deixar-se afetar por suas consonâncias e batidas, em habitação com nossa constituição múltipla. Jogar com ele, não em busca de fazer dele um oceano onde, em sua suposta profundidade, se possa trazer algo à mão, revelando alguma coisa, mas fazer alianças de pensamento, dar passagens de sentidos (BARTHES, 2012), compartilhando dessas experimentações.

Ensaaiar-se aqui trata mais de uma escuta, de silenciar diante da incapacidade de definirmos uma pesquisa e uma docência, de definirmos a própria experimentação. Não se trata, assim, de pedagogizarmos, mas aprendermos no próprio acontecimento de escrita e leitura, e em produzir-se no encontro com o outro. Seguir as palavras, os encontros, o animado e o inanimado, não para representá-los, mas em busca de suas singularidades, decifrando-as, aprendendo com elas (DELEUZE, 2006). Desconhecer-se num processo contínuo de produção de si mesmo, em outros modos de se pensar e fazer uma docência que pesquisa e uma pesquisa que se ensina.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elenise Cristina Pires de; DIAS, Susana Oliveira. Biotecnologias, escritas, imagens, e... e(m) maquinações. In: AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues de; GALLO, Silvio; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado (Orgs.). **Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e...** Petrópolis: De Petrus, 2011. 232 p.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mario Laranjeira. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 445 p.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS, 2013. 228 p.

- CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. 159 p.
- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?: e outras intervenções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 197 p.
- COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 155 p.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3 ed. São Paulo: 34, 2013. 240 p.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1997. 176 p.
- DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: a lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 183 p.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. São Paulo: Forense Universitária, 2006. 162 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: 34, 1995. 96 p.
- FUGANTI, Luiz. **Onde há presença da potência o poder não cola**. Escritos. Disponível em: <<http://goo.gl/3HYjh0>>. Acesso em: 26 jun. 2015.
- LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 01, p. 27-43. jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/fqAVFe>>. Acesso em: 21 dez. 2015. ISSN 2175-6236.
- LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, RS, v. 29, n. 01, p. 101-115. jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/9ddY6K>>. Acesso em: 21 dez. 2015. ISSN 2175-6236.
- LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 360 p.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 208 p.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 176 p.
- LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 139 p.

ALICE COPETTI DALMASO

Doutoranda em Educação
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Santa Maria, RS - Brasil

Professora da Prefeitura Municipal
Dilermando de Aguiar, RS - Brasil
E-mail: alicedalmaso@gmail.com

FRANCIELI REGINA GARLET

Doutoranda em Educação
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Santa Maria, RS - Brasil

E-mail: francieliagarlet@yahoo.com.br

MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA

Doutora em História, Geografia e História da Arte
Universidade de Barcelona
Barcelona – Espanha

Professora do Departamento de Metodologia de Ensino
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Santa Maria, RS - Brasil
E-mail: marildaoliveira27@gmail.com

Recebido em: 23/03/2016

Aprovado para publicação em: 16/05/2016.

Como citar este documento:

DALMASO, Alice Copetti; GARLET, Francieli Regina; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Para disparar leituras e escritas, para pensar na pesquisa e na docência: experimentando um espaço da pós-graduação em educação. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 955-968, set. 2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8644526>>. Acesso em: 16 nov. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.20396/etd.v18i4.8644526>.